



Empresários buscam condições para superar um atraso industrial de 15 anos

Brasil procura fórmula do crescimento

LÉA CRISTINA E.
MARCO ANTONIO MONTEIRO

O controle definitivo da inflação, o equilíbrio das finanças públicas e a criação de mecanismos de financiamento são alguns dos pressupostos básicos para que o Brasil volte a crescer. É assim que pensam 11 presidentes de entidades empresariais ouvidos pelo GLOBO. A discussão vem à tona com o lançamento do documento "Brasil: um projeto de reconstrução nacional". E logo após o anúncio oficial de que o Brasil registrou em 1990 o pior desempenho econômico de toda sua história — queda de 4,6% do Produto Interno Bruto (PIB).

Ainda de acordo com o empresariado, o Governo precisa reduzir as taxas de juros, avançar na política de privatização e equacionar a questão da dívida externa. Para que haja uma retomada do crescimento, dizem eles, é preciso dar prioridade a setores capazes de responder rapidamente: como exemplo, construção civil, siderurgia e indústria de bens de capital, que operam com força de trabalho expressiva e ativam toda uma cadeia produtiva.

O fato é que a indústria nacional amarga um atraso de 15 anos em relação aos países do Primeiro Mundo, constatou uma recente pesquisa do Instituto de Economia da Unicamp. Mais do que isso: o trabalho conclui que esse atraso pode se tornar irrecuperável se o País não adotar uma política agressiva de desenvolvimento tecnológico. O BNDES,



por sua vez, informa que, por falta de demanda das indústrias, são poucos os financiamentos concedidos para este desenvolvimento — apenas 0,3% do total de Cr\$ 480 bilhões de recursos desembolsados pelo banco no ano passado se destinaram a projetos de criação de tecnologia avançada.

O economista Winston Fritsch, da PUC/Rio — que participou dos primeiros estudos que resultaram no Programa de Competitividade Industrial (PCI), lançado há 15 dias pelo Governo — acredita que o equilíbrio econômico e a recuperação das finanças públicas também são fundamentais para a retomada do

crescimento. Prevendo que só no segundo semestre de 1992 a economia voltará a crescer, Fritsch ressalta que a sustentação de uma base de crescimento depende também de as empresas investirem em aumento de produtividade.

Entre os empresários ouvidos pelo GLOBO estão o Presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Albano Franco; e os Presidentes das Federações da Indústria dos Estados do Rio de Janeiro, Arthur João Donato; de São Paulo, Mário Amato; de Minas Gerais, José Alencar Gomes da Silva; do Rio Grande do Sul, Luiz Carlos Mandelli; e da Bahia, Orlando Moscozo.